



O Grande Unificador do Canadá

Bruce Hutchison

UMA DAS figuras mais decisivas da história da América do Norte—e também das menos conhecidas—foi um homem meio bêbedo, meio genial, chamado John Alexander Macdonald. Esse homem esplêndidamente paradoxal, tão amplamente conhecido por sua escandalosa conduta pública como por sua acuidade política, avulta na História como um êmulo canadense do

Tinha o grande sonho de transformar um punhado de colônias em uma nação—e lutou até tornar esse sonho realidade

seu grande contemporâneo, Abraham Lincoln, pois foi Macdonald quem consolidou a união do Canadá.

Hoje, quase um século depois, poucos dos problemas das relações

entre o Canadá e os Estados Unidos são compreensíveis sem algum conhecimento da vida e da obra de Macdonald. Foi êle quem permanentemente dividiu o continente e constituiu uma nação separada ao norte dos Estados Unidos. Mas, de certo modo, foram os Estados Unidos que fizeram Macdonald. O turbulento ator público e homem melancólico na sua vida privada talvez nunca passasse de um político de aldeia se não fôsse um incidente de intromissão americana.

“Invasão” do Canadá

EM 1838, Macdonald, que era então um advogado desengonçado e despretensioso de 23 anos, em Kingston, Ontário, já dado à bebida, encarregou-se da defesa de um pequeno grupo de americanos que haviam atravessado o Rio S. Lourenço, invadindo o Canadá, para salvá-lo, segundo julgavam, da tirania da Rainha Vitória. Embora o principal réu defendido por Macdonald fôsse condenado à morte, a coragem do jovem advogado em aceitar uma causa que lhe poderia arruinar a incipiente carreira política conquistou a admiração dos eleitores de Kingston. Além disso, a invasão frustrada fê-lo compreender nitidamente que o Canadá devia unir-se para resistir às pressões do seu poderoso vizinho.

O Canadá daquela época era uma

colônia inglesa formada por umas poucas de cidades obscuras às margens do S. Lourenço, algumas fazendas meio desbravadas e, além delas, o êrmo. Abrangia as províncias modernas de Ontário e Quebec, unidas em 1841. Na costa do Atlântico havia ainda as quatro colônias separadas—Nova Escócia, Nova Brunswick, Ilha do Príncipe Eduardo e Terra Nova—que viviam em disputa e consideravam o Canadá um remoto país estrangeiro. E em 1844 o Legislativo colonial do Canadá estava chegando a perigoso impasse entre protestantes ingleses e católicos franceses.

Bares em Excesso

O político noviço conservador mandado por Kingston ao Legislativo nascera na Escócia em 1815. Tinha cinco anos quando os pais o levaram para o Canadá. Passara apenas cerca de cinco anos em escolas regulares. A sua principal habilitação para a liderança era o que aprendera a respeito dos seus semelhantes nos livros, nos tribunais de Kingston e nos bares, que havia em demasia. Seus traços vistosos e espírito pilhérico, seu gosto pelas anedotas faziam-no parecer um palhaço. Muitos viam apenas a basta melena de cachos negros, o sorriso tranqüilizador, a figura jovial que afirmava da tribuna que o Canadá preferia Macdonald bêbedo a George Brown, o seu maior inimigo, abstinente. Mas outros viam nos olhos tristes e no rosto sulcado o marido desolado que se

BRUCE HUTCHISON é jornalista desde 1918 no Canadá, onde nasceu, e desde 1950 diretor do *Daily Times* de Vitória, Colúmbia Britânica.

sentava à noite ao lado de uma esposa inválida; o pai pesaroso que pranteava o primeiro filho, morto de uma queda com 13 meses de vida.

A marcha para o objetivo de Macdonald no sentido de um Canadá unificado e grande foi lenta e tortuosa. Já de meia-idade e ainda na oposição política, parecia que a sua obra redundara em insucesso. Mas, no correr dos anos, viera êle calmamente projetando o primeiro partido político coerente do Canadá—uma coligação não escrita entre os moderados ingleses e franceses—em oposição aos grupos divididos que se chamavam reformadores.

“Velho Amanhã”

ATÉ ENTÃO agira em grande parte por intuição e com uma estratégia de adiamento que lhe valera o apelido de “Velho Amanhã”; mas no seu Partido Conservador Liberal, uma união sem rigidez dos dois grupos étnicos do Canadá, êle deparara com o único método possível de governar uma futura nação e uma sociedade de raça mista. As suas idéias foram sendo pouco a pouco aceitas e em 1857 êle se tornou primeiro-ministro da colônia.

Macdonald viu claramente que as colônias divididas e esparsas da América do Norte Britânica não tinham futuro separadas. Por motivos diferentes, outro político de fronteira, chamado Abraham Lincoln, chegara a uma conclusão semelhante a respeito da sua pátria dividida. E

a obra de Lincoln deveria em breve alterar fundamentalmente a carreira do obscuro canadense.

Macdonald temia o poder do nôvo Presidente dos Estados Unidos como comandante-chefe do maior exército do mundo durante a Guerra Civil Americana. E se o Exército da União se voltasse para o Norte depois de derrotar o Sul? O Govêrno americano havia chegado à beira da guerra com a Inglaterra pela tácita amizade desta com a Confederação. Alguns senadores em Washington propuseram represálias contra as indefesas colônias britânicas.

Também os adversários políticos de Macdonald já sentiam êsse mêdo da República em armas. O Legislativo colonial, reunido em Quebec, chegara a um impasse definitivo. Macdonald já estava de posse de uma ordem do Governador-Geral inglês para dissolver a assembléia quando soube que George Brown, chefe dos reformadores e seu constante inimigo, estava disposto a aliar-se com êle.

Os dois homens se detestavam e há muitos anos não se falavam fora da assembléia, mas Macdonald não hesitou. Guardou a ordem real numa gaveta e apressou-se em ir ao quarto do hotel de Brown. Uma hora de conversa criou um govêrno conjunto cujo objetivo único era congregar tôdas as colônias britânicas em uma espécie de confederação. A revelação desses planos provocou no Legislativo um turbilhão de alegria.

Ponto Decisivo Supremo

PARA Macdonald, a severa personalidade puritana de Brown era incômoda, mas manobrável. Para Brown, a moral pública e os hábitos particulares de Macdonald eram escandalosos, mas suportáveis. Com êsse entendimento, a híbrida dupla fêz uma excursão política pelas colônias do Atlântico. Em 1864, depois de meses de discursos, banquetes e promessas de apoio político, congregaram os dois, em Quebec, uma assembléia de delegados para a aprovação de uma constituição nacional.

O ponto decisivo supremo dos negócios do Canadá e também de Macdonald fôra atingido. Êle sabia disso e mantinha-se absolutamente abstêmio. Como organizador da Conferência de Quebec, surpreendeu a todos por sua sobriedade, sua eloquência e seu conhecimento dos problemas constitucionais. Empregava sua perícia de advogado para discutir durante o dia inteiro os detalhes de uma constituição nacional; à noite, divertia os delegados briguentos com histórias jocosas e prometia-lhes lugares no futuro govêrno ou os aterrorizava com ameaças do poderio dos Estados Unidos. No fim, embora costumasse rabiscar os apontamentos para os seus discursos em envelopes que invariavelmente largava à toa, a Constituição canadense escrita em Quebec foi quase tôda obra sua, escrita na sua caligrafia desleixada e transportada na sua ma-

leta. Criou um só país que ficou com o nome da maior colônia—Canadá.

Quando os delegados se reuniram na nova capital—Ottawa—para apresentar as suas decisões, êle se levantou para fazer o discurso de orientação geral . . . e mal pôde pronunciar uma palavra. Pela primeira vez, empolgado pelas emoções e pelo seu imenso e indizível sonho, o orador ficara mudo.

Sir John A.

MACDONALD levou para Londres o anteprojeto da Constituição. O Govêrno inglês, tão receoso como os canadenses do poderio americano, aprovou-o prontamente. Conhecida como a Lei da América do Norte Britânica, a Constituição foi na realidade a base da moderna Comunidade Britânica de Nações, embora ninguém na época previsse êsse remoto resultado.

O Domínio do Canadá, proclamado em Ottawa a 1.º de julho de 1867, entre salvas de canhão, fogueiras e discursos, compreendia apenas as quatro províncias de Ontário, Quebec, Nova Escócia e Nova Brunswick. O rapaz de Kingston que se tornara o seu Primeiro-Ministro e Cavaleiro da Ordem do Banho—Sir John A., como foi daí por diante conhecido—sabia que a sua nação ainda não passava de uma estrutura em documentos de papel.

Ainda no nascedouro, as colônias do Atlântico haviam ameaçado separar-se. Nas planícies ocidentais os

caçadores mestiços de búfalos, que se davam o nome de Nação Mestiça, tinham relações comerciais com os Estados americanos ao sul e parecia provável que a êles se unissem. Além das Montanhas Rochosas, empobrecida pela corrida do ouro, a colônia da Colúmbia Britânica, apertada entre o nôvo território americano do Alasca e o florescente Oregon, não entrara para a Confederação e estava inclinada a unir-se aos Estados Unidos.

Do Atlântico ao Pacífico

PARA que o esqueleto legal da Confederação se revestisse de carne, era preciso que a sua soberania se estendesse do Atlântico ao Pacífico. A primeira providência era conquistar a adesão da Colúmbia Britânica. Macdonald resolveu pagar por isso um preço elevado—um preço impossível, gritaram os seus adversários em protesto e aterrados. Construiria uma estrada de ferro do S. Lourenço à costa do Pacífico!

Numa época em que se assumiam riscos temerários, o velho jogador dera a última cartada. Menos de quatro milhões de canadenses deveriam financiar a estrada de ferro mais difícil da América do Norte—em tôrno das terras áridas dos Grandes Lagos, através das planícies, varando as Montanhas Rochosas ainda mal conhecidas e descendo para o Pacífico. Mas, de acôrdo com os seus cálculos, os habitantes da Colúmbia Britânica, que esperavam no máximo um caminho para carro-

ças, apegaram-se à oferta e aderiram ao Canadá. Era uma questão de vida ou morte—ou se faria uma estrada de ferro ou não haveria uma nação permanente.

O Escândalo do Pacífico

QUASE foi de morte. Sem que Macdonald soubesse, a sua correspondência com o sindicato ferroviário de Montreal foi roubada do cofre de um advogado e entregue ao partido da opposição no Parlamento. Para vencer as eleições de 1872 êle pedira dinheiro para a campanha ao sindicato e assinara, provavelmente bêbedo, um telegrama fatal: "Preciso mais dez mil. Será a última vez. Não falhem."

A opposição se encarniçou em tôrno dêsse telegrama. Depois de livrar-se de muitos momentos difíceis, o Velho Amanhã estava afinal derrotado. Embora donativos para campanhas da parte de firmas que tinham contratos com o Govêrno não fôsem nenhuma novidade na sórdida política daquela época, os partidários de Macdonald afastaram-se dêle cheios de falso horror. As provas incriminatórias foram reveladas, carta por carta. O Escândalo do Pacífico destruiu o Govêrno, aparentemente a carreira de Macdonald, e, também, a estrada de ferro.

O plano da estrada de ferro parecia ao nôvo govêrno do liberal Alexander Mackenzie uma loucura financeira. Alguns trilhos foram assentados aqui e ali, mas a Colúmbia Britânica, julgando essa procras-



TALCO JOHNSON
PARA
ADULTOS

Criado especialmente em Paris,
o perfume do Talco Johnson para Adultos
é diferente de todos os outros.

Muito mais suave, mais delicado, permanece
em seu corpo em agradável frescor.

Ótimo para cla... e para êle!

Johnson & Johnson

— O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

tinação uma traição, dispôs-se a afastar-se da Confederação. Iria a obra de Macdonald de construção da nacionalidade desmoronar-se inacabada como a sua carreira? Amargurado, sentava-se êle nas bancadas da oposição, com o aspecto de uma relíquia histórica fanada, minguido fantasma da sua era de esplendor, e observava os novos desacertos do Govêrno.

O Velho Guerreiro

FOI ENTÃO que o grande sonho do Canadá lhe voltou às mãos juntamente com um nôvo poder nascido do êrro e do castigo. O povo sentiu-o imediatamente. De cidade em cidade, o renascido guerreiro levou a batalha ao próprio campo inimigo. Utilizou à larga os piqueniques políticos e, entre mesas cheias de comidas rústicas, cumprimentava os eleitores locais chamando-os pelo nome de batismo, lembrava-se dos nomes das espôsas e, do alto de um tôsko palanque ou de um carro, entusiasmava-os com a sua visão verbal de um Estado canadense estendido de mar a mar.

O corpo magro e curvado, a cabeleira já embranquecida, o rosto com sulcos mais profundos, o nariz abatado mais vermelho, os olhos cheios de bom-humor e a voz cheia de convicção tornaram-se um mito que ultrapassava o homem. Comentavam-se nas esquinas e nos lares de tôda a nação as suas extravagâncias. Era com prazer que se ouvia contar como êle esmurrara um adversário que duvidara da sua palavra nas

eleições, como fôra contido por um funcionário do Parlamento quando queria empenhar-se num duelo de honra e como gritara a um importuno: "Posso bater você numa luta tão depressa como o Inferno pode chamuscar uma pena."

Êsses lapsos eram raros e em geral exagerados. Na realidade, trabalhava mais e bebia menos do que nunca. A maioria dos canadenses em breve perdoou o Escândalo do Pacífico. Se havia quem pudesse salvar a Confederação, êsse homem era o seu fundador. Cinco anos depois êle foi restituído ao poder.

Macdonald compreendeu que a estrada de ferro devia ser levada até ao Pacífico, custasse o que custasse. Mas sabia também que a economia artificial do Canadá no sentido de leste para oeste, criada em sentido contrário ao impulso comercial do continente do norte para o sul, falharia se não tivesse estímulo, um estímulo violento.

Nos seus primeiros meses de govêrno elevaram-se as tarifas para proteger "as jovens indústrias" do Canadá e para estimular a circulação de mercadorias de leste para oeste. Essas medidas poderiam ser de futuro muito discutíveis do ponto de vista econômico, mas, no momento, Macdonald as defendeu como única probabilidade de sobrevivência da nação. Certa ou errada, a "política nacional", como lhe chamou Macdonald, subsistiria até ao presente como fator fundamental nas relações do Canadá com o seu vizinho.

Formou-se nôvo sindicato para executar a gigantesca tarefa da conclusão da estrada de ferro. Assentaram-se trilhos com vertiginosa rapidez através das planícies e das Montanhas Rochosas. O último prego da Canadian Pacific Railway foi batido a 7 de novembro de 1885. Sem demora, o Primeiro-Ministro atravessou as Montanhas Rochosas no limpa-trilhos de uma locomotiva e o Canadá pôde proclamar que funcionava como Estado transcontinental.

Todo êsse trabalho matou Macdonald. Desprezando os conselhos do médico, o velho guerreiro, já então com 76 anos, esgotado e doente, arrastou-se através do rude inverno nas eleições de 1891, marchando com as bandas e os archotes. Entretanto, na mesma hora em que os eleitores lhe davam outro período de govêrno, achava-se imobilizado em sua casa à margem do Rio Ottawa. O povo canadense, que aprendera a amá-lo tanto pelos seus defeitos como pelas suas virtudes, dificilmente podia imaginar a sua nação sem êle. Esperava ansiosamente alguma última palavra de Sir John A.

Não houve essa palavra e talvez não fôsse necessária. A mensagem da sua vida longa e triunfante, mas torturada, era conhecida de todos os canadenses. Concebera o seu sonho do Canadá e legava-o aos seus compatriotas. A voz do Velho Amanhã ainda lhes fala hoje, numa mistura de risos e advertência, nas suas relações com os Estados Unidos.